



GT 34. Ensinar e Aprender Antropologia

Coordenador(es):

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Guillermo Vega Sanabria (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1 - Ensinar e aprender antropologia e a educação básica

Debatedor/a: Ana Pires do Prado (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Ensinar e aprender antropologia em diversos contextos de formação profissional

Debatedor/a: Amurabi Pereira de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Ensinar e aprender antropologia nas ciências sociais

Debatedor/a: Grazielle Ramos Schweig (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

É notável a expansão que nos últimos anos a Antropologia no Brasil alcançou junto às mais diversas formações universitárias e não universitárias, e o incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação. Porém, ainda é necessário um debate profundo em torno das particularidades do ensino e do aprendizado de ser antropólogo. O processo formativo em antropologia passa por uma reflexão sobre a relação entre ensino e aprendizagem, mas também por uma análise sobre questões centrais na definição da própria disciplina, como a relação entre teoria e métodos. Tais discussões são fundamentais para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência. O presente Grupo de Trabalho visa analisar estas questões, com foco na formação de antropólogos e de “não antropólogos”, discutindo as diversas inserções da antropologia em espaços formativos. Buscamos refletir em torno do lugar do ensino e da aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos para sua realização. Também nos interessa o aprofundamento nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, para que possamos propor desenvolvimentos didáticos para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), assim como de cientistas sociais, profissionais da saúde, professores e outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica.

Sair da sala de aula: experiências de ensino e aprendizagem entre estudantes de ciências sociais e secundaristas em tempos de luta pela educação.

Autoria: João Francisco Kleba Lisboa (UFPR)

O presente artigo/apresentação oral tem o intuito de compartilhar e refletir sobre uma experiência específica de ensino/aprendizagem durante meu work como professor substituto no Departamento de Antropologia na Universidade Federal do Paraná (DEAN/UFPR) no primeiro semestre de 2019. Trata-se de uma atividade da disciplina ?Laboratório de Ensino e Pesquisa em Ciências Sociais - LABEPCS?, ministrada para o terceiro período desse curso, na qual foram realizadas exposições pelos estudantes em três escolas públicas estaduais (para turmas de Ensino Médio) de Curitiba, com o seguinte tema: ?As áreas de atuação das Ciências Sociais?. A justificativa apresentada às escolas consistia em divulgar aos estudantes secundaristas quais as áreas de atuação das Ciências Sociais, especificamente: Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, Sociologia e Licenciatura. Essas cinco áreas foram apresentadas por diferentes equipes de estudantes universitários, na forma de seminário/feira, com banners ou cartazes de apoio, contando como nota parcial da referida disciplina. Os encontros que de fato ocorreram, por sua vez, foram muito além de um modelo ?feira de ciências? e produziram diversos níveis de interação, reflexão e estímulo. Buscarei detalhar no artigo como



se deu o planejamento e a execução (assim como a metodologia, os resultados etc.) da proposta, que teve, de forma geral, ampla receptividade e boas avaliações por parte dos diferentes lados envolvidos. Cabe ressaltar que tal experiência foi coetânea às grandes manifestações em defesa da educação que se deram no primeiro semestre do governo Bolsonaro, que tiveram lugar em mais de duzentas cidades e mobilizaram estudantes de todo o país, sobretudo nas universidades públicas e Institutos Federais de Educação. Procuro situá-la, portanto, dentro de uma vasta reação de professores e estudantes, em escala nacional, não apenas contra as medidas de austeridade, as ofensas e ameaças e os cortes de verbas do governo federal, mas também contra um certo ?isolamento? voluntário e uma postura naturalizada das universidades (ou dos cursos de Ciências Sociais e Humanas em geral) de distanciamento em relação a outros setores da sociedade, para os quais nossas áreas de especialização podem soar incompreensíveis. A preocupação inicial dos estudantes de Ciências Sociais em ?sair da sala de aula? e não ficar ?de braços cruzados?, de um lado, encontrou-se com demandas das escolas por mais presença das universidades e de ?eventos iguais àquele?, de outro, além da necessidade de lidar com diferentes posturas dos estudantes secundaristas, entre interessados, apáticos e provocadores.

[Trabalho completo](#)



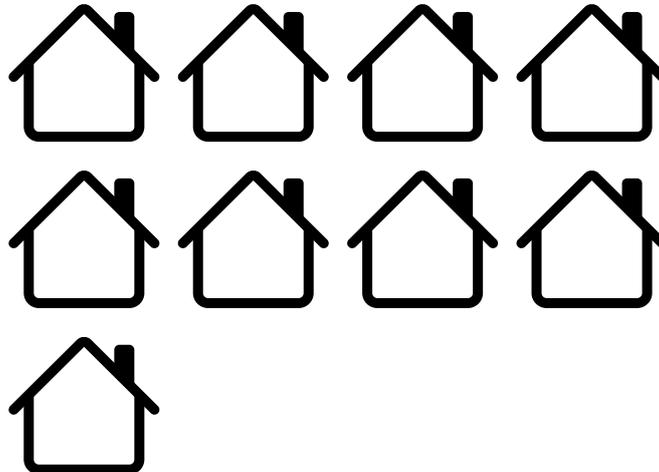
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: